ANC 88
Pasta Jul/Ago 86
081

Ass. Const.

Nova Carta pode não se impor, diz Richa

CORREIO BRAZILIENSE - 6 AGO 1986

Rio — O ex-governador do Paraná e candidato a senador, José Richa, ao almoçar ontem com os empresários cariocas na associação comercial do Rio de Janeiro, onde falou sobre "Constituinte e a ordem econômica e social", externou o receio de que a futura Constituição não tenha condições efetivas de se impor na prática, "porque as Leis, não se realizando sozinhas, dependem de força e vontade políticas".

— Meu receio maior, explicou Richa, é que sem que as nossas agremiações hajam definido o próprio perfil, dificilmente, teremos uma democracia de partidos. Ou, em outras palavras, sem partidos fortes, competitivos, doutrinariamente diferenciados, permaceremos, como no passado, na dependência dos humores do príncipe, vale dizer, da vontade do Chefe do Estado. E, se tal acontecer, a futura Carta terá uma vida efêmera, ou logo se converterá em colcha de retalhos. E, o que é bem mais grave, acrescentou, frustraremos, mais uma vez, a imensa maioria da Nação, deixando passar nova oportunidade que, talvez seja a derradeira, de estabelecer um pacto social duradouro, com a colaboração de todas as forças sociais, no qual os diversos grupamentos expressem com liberdade e clareza os seus interesses e aspirações.

O ex-governador do Paraná manifestou aos empresários seu receio sobre os rumos que está tomando a recém iniciada campanha eleitoral.

— A cem dias do pleito são muitos poucos, observou Richa, quase inexistentes, os espaços abertos nos partidos para o debate dos grandes temas constitucionais, que permanecem no segundo plano das preocupações.

Para o ex-governador do Paraná não aprendemos a lição portuguesa de 25 de abril, que, tão logo se fez vitoriosa estabeleceu o seu programa, tendo tido o bom senso de revogar, de pronto, toda a legislação autoritária, convocando, imediatamente, uma Assembléia Nacional Constituinte e fixando a data da sua instalação: 12 meses após a queda da ditadura.

Ressalvando que apenas um partido entre nós, o dos Trabalhadores, encomendou um programa de ação, mais nenhum outro foi até agora divulgado.

Richa disse ainda que tem esperanças de que o próximo congresso que o PMDB realizará no fim de agosto, em Brasília, resultará num documento definindo os postulados básicos da proposta constitucional, que lastreará os trabalhos do partido.

José Richa acredita que o PMDB deverá eleger os governadores de 18 a 20 Estados, inclusive no Paraná, onde o candidato do partido, senador Álvaro Dias, desponta nas pesquisas como o primeiro colocado na preferência do eleitorado.

Richa disse também que aproveitou sua visita ao Rio para pedir a Nélson Carneiro que aceite ocupar a vaga de senador na chapa do ex-prefeito de Niterói, Moreira Franco. Ele acha que o partido necessita da experiência de Nélson Carneiro. Nas atuais circunstâncias Richa é de opinião que o atual parlamentar pelo Estado do Rio terá maior importância na Constituinte do que à frente do executivo fluminense.

O ex-governador do Paraná não se mostrou surpreso com o clima das convenções do PMDB, no Estado do Rio de Janeiro. Acredita, firmemente, que o seu partido terá capacidade de sair unido após tais reuniões, "mesmo as mais desfavoráveis". Não acredita também em "racha" no PMDB e explica as razões: "Não há "racha" no partido, o que existe, na realidade, são discussões políticas, que, verdadeiramente, constituem a essência da democracia".

Sobre o atual clima emocional em torno das últimas medidas econômicas do governo, notadamente a do empréstimo compulsório, o ex-governador do Paraná tem um conceito firme:

"O governo José Sarney pode ser comparado ao de um verdadeiro estadista". Sem citar Disraeli, o verdadeiro autor do pensamento, Richa definiu o termo estadista como sendo o governante que pensa, não na sua sucessão, mas na próxima geração. E foi isto que o presidente Sarney fez: sem se importar com críticas, a pouco mais de cem dias das eleições, tomou medidas que julgava serem necessárias para complementar o Plano Cruzado.

PMDB